



Revista Internacional de
Folkcomunicação
E-ISSN: 1807-4960
revistafolkcom@uepg.br
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Brasil

Lima de Paiva, Beatriz; de Moraes Nobre, Itamar
O grupo Boi Calemba Pintadinho: a tradição da manifestação cultural à luz da teoria da
Folkcomunicação
Revista Internacional de Folkcomunicação, vol. 14, núm. 33, septiembre-diciembre, 2016,
pp. 87-103
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Ponta Grossa, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=631768752001>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O grupo Boi Calemba Pintadinho: a tradição da manifestação cultural à luz da teoria da Folkcomunicação

*Beatriz Lima de Paiva¹
Itamar de Moraes Nobre²*

RESUMO

Este artigo visa apresentar as características do Boi Calemba Pintadinho, manifestação cultural de Boi Calemba do município de São Gonçalo do Amarante (Rio Grande do Norte/Brasil) no contexto folkcomunicação, através do reconhecimento do grupo como um folguedo vinculado ao teatro religioso popular e, ainda, como espaço de emergência e expressão de saberes tradicionais. O estudo em questão foi elaborado a partir das técnicas de observação, entrevista, pesquisa dos acervos bibliográficos e registros fotográficos do grupo cultural.

PALAVRAS-CHAVES

Cultura. Comunicação. Folkcomunicação. Boi Calemba Pintadinho.

Boi Calemba Pintadinho: a folk communication study of the traditional cultural practice

ABSTRACT

This article presents the characteristics of the Boi Calemba Pintadinho, cultural manifestation of Boi Calemba at São Gonçalo do Amarante (Rio Grande do Norte/Brazil) in folkcomunicação context, through the recognition of the group as a whoopee linked to

¹ Graduada em Comunicação Social, habilitação em Radialismo, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Membro do Grupo de Estudo - Imagem, Comunicação, Cultura e Sociedade (IMACCUS/UFRN) e pesquisadora do Grupo de Pesquisa PRAGMA - Pragmática da Comunicação e da Mídia. beatriz_lima2@hotmail.com

² Docente e pesquisador do Departamento de Comunicação Social (DECOM) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pesquisador do Grupo de Pesquisa PRAGMA - Pragmática da Comunicação e da Mídia e do Grupo de Pesquisa Cultura, Política e Educação (CCHLA/UFRN). Pesquisador do OBES - Observatório Boa-ventura de Estudos Sociais, em convênio com o Centro de Estudos Sociais (Universidade de Coimbra-Portugal). Membro do Núcleo de Pesquisa: Fotografia, da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Membro da REDE FOLKCOM – Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação. Membro da RPCFB - Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil. Email: itanobre@gmail.com

popular religious theater and also as emergency space and expression of traditional knowledge, the research in question was drawn up from observation techniques, interview, research of the bibliographic collections and photographic records of the cultural group.

KEY-WORDS

Culture. Communication. Folkcommunication. Boi Calemba Pintadinho.

Introdução

O município de São Gonçalo do Amarante localiza-se no Rio Grande do Norte (RN), a treze quilômetros de distância da cidade do Natal, capital do estado, que é situado na Região Nordeste do Brasil. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na última realização do censo, no ano de 2015, foi apresentado que o município detém a sua população estimada em 98.260 mil habitantes, figurando, portanto, como quarta cidade mais populosa do estado³.

Sendo classificada como uma das cidades do RN de maior destaque, em seu âmbito cultural, São Gonçalo do Amarante também concentra referências de expressão significativa, como pode ser evidenciado através de Militana Salustino do Nascimento (Dona Militana), romancista brasileira que deixou um importante legado para cultura popular, do professor e pesquisador Deífilo Gurgel⁴, dos grupos folclóricos tradicionais como Pastoril Dona Joaquina⁵ e Grupo Parafolclórico Coco do Calemba⁶, bem como o Boi Calemba Pintadinho, folguedo escolhido como recorte de estudo do artigo científico em questão. De forma a identificar os processos comunicacionais referentes à manifestação tradicional, abordaremos de maneira segmentada as representações simbólicas dessa tipologia folclórica, bem como as características do grupo cultural e uma análise acerca da teoria da Folkcomunicação.

³ Consulta disponível em: < <http://goo.gl/DK3mpw> > Acesso em: 29 mar. 2016.

⁴ Natural de Areia Branca-RN e nascido em 22 de outubro de 1926. Foi um advogado, professor universitário, administrador público, antropólogo, folclorista, poeta e historiador brasileiro. Disponível em: < http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=De%C3%ADfilo+Gurgel<r=d&id_perso=723 > Acesso em: 09 dez 2016.

⁵ Grupo cultural que encena o Pastoril e atua no município de São Gonçalo do Amarante/RN

⁶ Grupo parafolclórico fundado em 1999 em São Gonçalo do Amarante/RN que representa manifestações culturais tradicionais.

A TRADIÇÃO DA MANIFESTAÇÃO DE BOI CALEMBÁ

O enredo da manifestação cultural retrata que um vaqueiro, influenciado por sua esposa, mata o boi mais bonito da fazenda em que trabalhava – animal este, motivo de orgulho para seu dono - com o intuito de retirar-lhe a língua para satisfazer o desejo da mesma, que se encontrava na condição de gestante. Essa temática ilustra a manifestação de Norte a Sul do país, com variantes de acordo com sua tradição. Temos em Gurgel (1985, p. 22, grifos do autor) a afirmação de que “Boi, Bumba-meu-boi e Boi-de-Reis, são os nomes mais comuns do folguedo no Nordeste”. Acerca das significações do Boi Calemba, o autor discorre que:

O Boi Calemba do Rio Grande do Norte é uma das versões em que o Bumba-meu-boi se multiplica por todo o Brasil. Seu estudo pressupõe o levantamento das fontes históricas do folguedo, para fixação, no tempo e no espaço, de todos os elementos que mais diretamente contribuíram para a sua formação. Dentre esses elementos, dois avultam pela sua importância: a) os festejos que em Portugal e no Brasil marcavam o ciclo natalino nos séculos passados; b) o desenvolvimento da pecuária nordestina, determinando o surgimento de todo um complexo cultural que favoreceu, sobretudo, a evolução do folguedo, nos seus estágios mais primitivos. (GURGEL, 1985, p. 15).

Portanto, caracterizando dessa forma os elementos que evidenciam a origem dessa manifestação cultural no RN, o autor ressalta ainda que a utilização da nomenclatura “Calemba” não detém registros inteiramente esclarecedores revelados, e, que, através de pesquisas realizadas acerca da origem dessa expressão, depoimentos colhidos em épocas distintas ressaltam que o Boi o qual se apresentava durante as festividades carnavalescas detinha esse nome, o que contribui para os estudos relacionados à manifestação potiguar. Acerca do processo de início da mesma, esta se deu através das visitas dos Ternos⁷ e Ranchos⁸ às residências de pessoas amigas, estes que eram recebidos com danças, ceias, e festejo em louvor ao nascimento de Jesus Cristo (GURGEL, 1985).

A partir da evolução do processo de inserção da manifestação, o espetáculo passou a ser caracterizado por se iniciar com a dança, dando sequência às loas (poesias/romances),

⁷ Nina Rodrigues (Os Africanos no Brasil. 3ªed. Cia. Ed. Nac. São Paulo, 1945, p. 263/5) ensina que os Ranchos eram formados por pessoas do povo. (Gurgel, 1985, p.15)

⁸ As classes mais elevadas da sociedade agrupavam-se nos Ternos. (Gurgel, 1985, p.15)

cantigas e a teatralidade com as figuras, que encenavam as brincadeiras e interagem com o público, bem como podemos visualizar na cena de dança (Fotografia n.06).

O enredo da manifestação do Rio Grande do Norte

A representação artística do folguedo potiguar detém uma trajetória característica e que se difere das outras manifestações de Bois nordestinas. Acerca do espetáculo, Gurgel (1985, p. 32) discorre que “infelizmente, não há enredo a registrar. [...] limitando-se o brinquedo hoje, pelo menos em Natal e São Gonçalo, quase só às danças e cantigas. ”.

Na conjuntura vigente da representação cultural, verifica-se que o grupo Boi Calemba Pintadinho também detém o mesmo ritual. As apresentações obedecem ao som de cantigas que evidenciam os cumprimentos iniciais ao anfitrião e público, a saudação ao Messias e Santos Reis. Dando sequência, os personagens Mateus, Birico e Catirina aderem também à brincadeira. Após esse momento, ocorre a aparição das figuras, cada qual com sua cantiga direcionada. Ao final, apresenta-se o boi e a canção de despedida.

Elenco de figurantes

A partir do desembarque da manifestação em terras pernambucanas, ocorreram algumas variações, como a introdução de personagens no folguedo de acordo com as épocas, locais, posses de cada mestre e etc. Em sua totalidade, a manifestação do Boi potiguar é composta por brincantes, estes que, por sua vez, são divididos em grupos e que serão classificados, a seguir, de acordo com sua distribuição, tais como: os Enfeitados, os Mascarados e as Figuras. (GURGEL, 1985).

Os Enfeitados são os *personagens humanos* que se apresentam no folguedo, categorizados em: Galantes, Damas e Mestre. Este último, é o integrante que detém mais autoridade no grupo, o membro que rege a brincadeira, e, para tal, utiliza-se do gestual além de apitos para as ordens e o acompanhamento das músicas, indicando a sequência de apresentação e retirada das figuras durante a apresentação. As suas vestes são caracterizadas por coroa e capa adornados por bordados artesanais, fitas coloridas e espelhos (em formato circular ou retangular), além de camisa geralmente na cor verde, de cetim ou tecido

semelhante e calça na cor branca também decorada com fitas, e sapatos. Às mãos, o Mestre carrega uma espada de madeira, com tiras multicoloridas.

Compondo ainda o elenco, os Galantes, estes que são a própria narrativa do espetáculo, os responsáveis pela cantoria e dança. Geralmente encenam o personagem de quatro a oito rapazes jovens, a depender do grupo. As vestes são similares à do Mestre, entretanto, difere-se pela cor da camiseta de cetim ser vermelha ou azul e estes não utilizarem o apito. Durante a apresentação, esses brincantes dispõem-se em duas alas ou cordões e realizam evoluções, cruzamentos, meias-luas, ou formam uma grande roda na despedida (GURGEL, 1985).

Ainda parte desse grupo, os brincantes intitulados de Damas são alguns dos representantes responsáveis pela parte cômica do espetáculo, geralmente, personificados por duas crianças do gênero masculino com idade entre 10 e 12 anos, trajados de vestes femininas, tais como vestido de cetim enfeitado, e de adereço, um chapéu de palha decorado com fitas coloridas (GURGEL, 1985).

Os Mascarados, conhecidos ainda pela denominação “melados”, detêm em sua caracterização, algo em comum: todos os três figurantes representantes do elenco (Mateus, Catirina e Birico) se apresentam com a face pintada na cor preta. A Catirina, embora seja uma figura feminina, é personificada por um integrante do gênero masculino, seja ele jovem, adulto ou idoso, em vestes características do gênero feminino, de tal forma, usa vestido de tecido de chita e lenço à cabeça. Temos em Cascudo *apud* Gurgel (1985, p. 36) “[...] a Catirina teria surgido no Boi Calemba depois de 1920, compondo o trio de cômicos do espetáculo”, esta, pode ser visualizada através da Fotografia n. 01:

Fotografia n. 01: Catirina dançando na
representação do Boi Calemba Pintadinho. Natal, 2014.



Fotografia n.02: Birico contracenando
com o Mestre Dedé Veríssimo. Natal,
2014.

Fotografias: Beatriz Lima

Segundo Cascudo (2001, p. 66, grifos do autor): “Birico. No Rio Grande do Norte, foi um dos antigos e popularíssimos compères do Bumba-meu-Boi. Ao lado de Mateus, Birico era inesgotável em pilhérias, contando causos (anedotas), fazendo com seu companheiro, a assistência rir. [...]” Na representação, usa vestes surradas e o rosto pintado, assim como a Catirina, e à cabeça, um chapéu de couro. (Fotografia n. 02)

O último dos Mascarados, Mateus (Fotografia n. 03), é um dos mais relevantes personagens. Com trajes similares aos de Birico, diferencia-se apenas por portar um matulão⁹ adornado de sinos. Durante a apresentação folguedo, participa de toda a brincadeira.

⁹ Espécie de rede de viagem popular na região Norte e Nordeste do Brasil. Disponível em: < <http://www.dicio.com.br/matulao/> > Acesso: 22 abr. 2016.

Fotografia n. 03: Brincante Mateus. Natal, 2014



Fotografia n. 04: Figura do Boi na manifestação Boi Calemba Pintadinho. Natal, 2014.

Fotografias: Beatriz Lima

Dentre os personagens animais que compõem o espetáculo, encontram-se as Figuras. O Boi (Fotografia n. 04) é a figura mais marcante da manifestação. Ele simboliza a força e a esperança, por ser um elemento da brincadeira que morre e ressuscita. Este é o último elemento do folguedo, e, após sua apresentação, canta-se a despedida. Em tempos mais remotos, a cabeça do Boi era a de um animal verdadeiro, tratado, retirados os miolos e adornados para a apresentação. (GURGEL, 1985).

O personagem Bode representa um elemento desinibido e cômico do folguedo. Sua composição é semelhante à do Boi. Ainda parte constituinte da brincadeira, temos o Jaraguá, este que, de acordo com Cascudo (2001, p. 291) é: “[...] Armação de madeira em forma de boi, coberta de tecido florido. ”. Outra figura da manifestação é a Burrinha - símbolo da lida no trabalho, é metade homem e metade animal -, portanto, seu material é similar aos anteriores, mas sua estrutura difere-se dos mesmos. Gurgel (1985) retrata que a cabeça da

Burrinha não é verdadeira, esta é esculpida em madeira e fixada ao arcabouço do animal, que detém um espaço no dorso para que o cavaleiro¹⁰ possa controlá-la.

O Gigante é um personagem que se utiliza de uma cabeça confeccionada em material papelão, composta por uma vasta cabelereira. Gurgel (1985, p. 39) retrata que: “tempo já houve em que a cabeça do Gigante do Boi “Pintadinho” era uma enorme cabaça, na qual pintavam-se os olhos, nariz e boca. Certo dia, o Gigante caiu de cabeça/cabaça no chão e quebrou a cara. Então, mudaram tudo para uma máscara de papelão. A mulher do Gigante é também uma figura. Esta é interpretada por uma das damas e utiliza-se da máscara da Burrinha para complementar seu traje.

Podemos visualizar ainda que, de acordo com a tradição da brincadeira, as mulheres não brincam no Boi, os personagens femininos são rapazes ou meninos travestidos. Em tempos remotos, se existia um preconceito maior em relação ao gênero, as mulheres eram mantidas dentro de casa, sem direito a participar do folguedo, o que fez com que os homens representassem esses tipos de personagens. Na atualidade, alguns grupos do RN perderam essa característica e inseriram o gênero na brincadeira.

A Orquestra

Na composição do espetáculo em si, a parte musical é formada por uma rabeca, um pandeiro e um instrumento de corda. Gurgel (1985) discorre que, em tempos passados, já ocorreu o incremento da sanfona, viola e reco-reco.

A história do Grupo Boi Calemba Pintadinho

Para discorrer sobre as fundamentações históricas do auto¹¹ e sua representação na conjuntura atual, além das leituras dos estudiosos já mencionados, foi coletado através de uma entrevista cedida à Beatriz Lima de Paiva e realizada em São Gonçalo do Amarante/RN no

¹⁰ Gurgel (1985, p. 15): “a pessoa que dança na Burrinha se apresenta com máscara de papelão [...]”.

¹¹ Auto: Forma teatral de enredo popular, com melodias cantadas, tratando de assunto religioso ou profano, representado no ciclo das festas do Natal (...). Dos autos populares o mais nacional, como produção, é o Bumba-meu-boi, resumo de reisados e romances sertanejos do Nordeste. No Brasil as mais antigas menções informam que os autos eram cantados à portas das igrejas (...) depois levavam o enredo, com as danças e os cantos, nas residências de amigos ou na praça pública, num tablado. Alguns autos reduziram-se à coreografia, sem assunto. (CASCUDO, 2001, p. 29-30).

dia 07 de agosto de 2014, com um dos membros responsáveis pelo grupo cultural Kleber Sousa, 36 anos, - este que participa da manifestação cultural Boi Calemba Pintadinho desde a sua infância, e, atualmente, representa o personagem Mateus no folgado - as informações sobre o folgado de expressão representativa local.

Acerca da origem da manifestação Boi Calemba Pintadinho, no município de São Gonçalo do Amarante/RN, “esta se deu às margens do Rio Potengi¹², no Sítio Breu, situado em um povoado pertencente ao município, no ano de 1910”, afirma Kleber Sousa (informação verbal). Corroborando o depoimento deste, temos a partir das contribuições de Gurgel (2011, p. 99), que: “no Breu nasceram e viveram algumas das figuras emblemáticas da cultura popular sangonçalense: Pedro Guajiru (Mestre), Peixinho (Catirina) e Chico Capoeira (guia de um dos cordões de Galantes), do Boi Pintadinho”.

A legitimidade do período de atuação da manifestação pode ser observada ao retratar que “contabilizam-se mais de 112 anos de história do Boi, data essa conhecida através do primeiro registro de uma de suas apresentações - estas que já vinham ocorrendo anteriormente, mas, que já não existem na atualidade documentação do seu início de maneira oficial”. Temos ainda, a partir da contribuição do mesmo, que: “os relatos retratam que a população do município se dirigia até esse sítio, atravessando o rio para assistir às apresentações do grupo. A energia da cidade vinha de um motor, e às 22h não havia mais iluminação, o público que tinha conhecimento sobre a brincadeira, ia prestigiar, mesmo com iluminação precária e lamparinas enfincadas em estacas... Os festejos duravam a noite toda”.

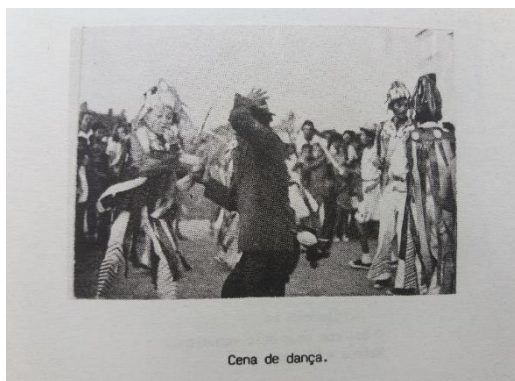
Em tempos mais remotos, as manifestações de cunho cultural eram uma das poucas diversões da população, não se tinham muitos recursos ou atrativos que entretencem o público, e o que existia além das manifestações, eram as festas tradicionais. Relatou-se que “essas festas eram animadas por um sanfoneiro ou rebequeiro, e os mesmos, atuavam também no Boi.”, entendemos então de que forma se dava a organização das festividades, onde os mesmos membros dividiam-se entre as apresentações.

¹² O rio Potengi é o principal do RN, o referido rio banha os municípios de Cerro Corá, São Tomé, São Paulo do Potengi, Ielmo Marinho, São Gonçalo do Amarante, Macaíba e Natal.

“Em se tratando do primeiro Mestre da manifestação na localidade, seu nome é desconhecido, e, devido à essa falta de registros não houve um mapeamento, portanto, as informações foram perdidas e, nesse sentido, inexistiu um prevaecimento do repasse da identidade desse Mestre para os membros do grupo na atualidade. ”. Com o decorrer dos anos, o primeiro arquivo que relata a sequência dessas lideranças foi encontrado com a documentação do Mestre Atanásio Salustino^{13 14} - na época, também à frente dos Fandangos - que batizou o grupo como “Boi de Reis Pintadinho”.

De acordo com a tradição local, cada liderança deveria assumir apenas uma manifestação folclórica, e, por esse fato, Atanásio repassou o grupo para o Mestre Pedro Guajiru¹⁵, residente do município, que, na época, já era um brincante do Boi. Gurgel (2011, 115) discorre que a posição de Mestre não o inibia, porém, de se apresentar, diversas vezes, sob a armação de alguma das figuras do folguedo: Boi, Bode, Burrinha, Gigante”. Acerca da representação enquanto comandada por este, visualizamos nas fotografias n. 05 e n.06 o grupo e as cenas de dança.

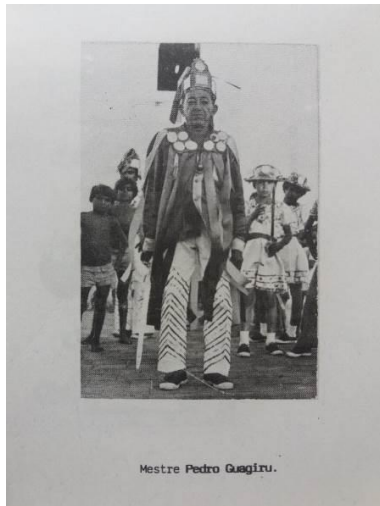
Fotografia n. 05: Mestre Pedro Guajiru.
São Gonçalo do Amarante/RN, 1977.



¹³ Atanásio Salustino do Nascimento (1903-1978): Figura folclórica do município de São Gonçalo do Amarante/RN, pai de Dona Militana).

¹⁴ O fandango é um auto popular, já tradicional no início do século XIX e constitui-se numa convergência de cantigas brasileiras e de xácaras portuguesas (narrativas populares em versos). Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar./index.php?option=com_content&view=article&id=460:fandango&catid=41:letra-f&Itemid=1. Acesso: 09 jul. 2015.

¹⁵ Pedro Marques de Oliveira (1914 - 1992), conhecido como Pedro Guajiru, nascido em São Gonçalo do Amarante/RN. [...] começou a brincar no Boi ainda menino, no grupo em que seu pai tocava rabeca. Iniciando-se como Dama, passou depois a Galante e aos vinte e poucos anos era o Mestre do Folguedo. (GURGEL, 1985, p. 34)



Fotografia n. 06: Cena de dança. São Gonçalo do Amarante/RN, 1977.

Fonte: Reprodução da fotografia de Ubaldo Bezerra (GURGEL, 1985, p.118).

Um dos membros do folguedo que cresceu fazendo parte do grupo – quando no comando do Mestre Pedro - foi Dedé Veríssimo (Fotografia n. 02), este que, durante a sua trajetória de vida, participou da manifestação desempenhando os personagens tais: Dama, Galante e Mateus. A partir da evolução deste como brincante, o mesmo passou a assumir a liderança do grupo, se tornando Mestre e, na atualidade, é o principal responsável pela manifestação Boi Calemba Pintadinho.

Mantendo a tradição da representação do folguedo, a formação do grupo detém apenas homens em sua composição e dá-se através de 25 membros, incluindo dentre eles os personagens Galantes, as Damas, o Mateus, a Catirina, o Birico, bem como as figuras (o Boi, o Jaraguá, a Burra – Burrinha -, o Gigante e o Bode). Ainda parte do grupo: o Mestre e os músicos que compõem o conjunto (a banda conta com os instrumentistas que rabeca, pandeiro e triângulo).

Sobre as vestimentas tradicionais do mesmo, em tempos remotos elas eram adornadas com fitas de cigarro que se colocavam nas calças, coladas artesanalmente com

grude¹⁶, hoje, foram substituídas pela facilidade de se encontrar no comércio materiais para a confecção dos trajés.

De acordo com Cascudo (2001):

Com o passar dos anos, o tempo de representação dos folguedos vem sendo reduzido por iniciativa dos próprios participantes, com cortes nos diálogos deixando, eventualmente, o enredo truncado. É que, embora a representação reproduza as cenas do enredo, somente a coreografia e a letra asseguram a compreensão dos acontecimentos na apresentação teatral do folguedo. (CASCUDO, 2001, p. 241)

A partir do visualizado em Cascudo (2001), muito da representatividade da manifestação se perdeu, a exemplo disso, a duração real da brincadeira completa – esta, que ultrapassa o período de um dia. Nos festejos da atualidade, quando a convite para a realização de uma apresentação de palco, a delimitação do tempo é demarcado em torno 15 a 20 minutos para o grupo, portanto, a brincadeira do Boi Calemba completa não é possível de ser realizada, tem-se nesse período a representação de uma fragmentação do espetáculo, uma mostra generalizada para conhecimento e entretenimento do público. Para sintetizar a apresentação sem deixar de modificar a tradição, o grupo se adequa para mostrar o máximo possível (rapidamente) das figuras, dança, e músicas na apresentação.

Cascudo (2001, p. 241-242, grifos do autor) retratou que: “pesquisando fenômenos folclóricos em Alagoas, José Maria Tenório Rocha assim classificou os folguedos: *Folguedos natalinos*: Reisados, Guerreiro, Bumba-meu-boi, Chegança [...]”. De maneira tradicional, as festividades da apresentação do Boi se estabelecem da seguinte forma: a região Nordeste durante o ciclo natalino (dezembro/janeiro); No Norte, durante o ciclo de São João (Junho) e a região Sul, no período de fevereiro/março.

A realização da matança do Boi ocorre no dia de Reis, 06 de janeiro, e essa ação simboliza, na manifestação, a renovação do grupo. Para tal, a representatividade dessa morte é apresentada com a remoção das vestes da figura e a queima de sua carcaça, remetendo à matança, mas a renovação do boi em si, embora não haja troca efetiva de membros do grupo, independente de alteração ou inserção, essa representação no geral é simbólica.

¹⁶ Tipo de cola natural comumente utilizada na região do sertão nordestino, elaborada a partir da junção de água e goma de tapioca aquecidos.

A identificação da narrativa do folguedo: ressaltando as características da folkcomunicação

Através das contribuições de Marques de Melo (2008, p. 89) tem-se que “na versão atualizada da sua teoria da folkcomunicação, Beltrão (1980) propõe a classificação dos fenômenos da comunicação popular, que pode ser tomada como um elenco dos “gêneros folkcomunicacionais.”. O autor também retrata que o conceito acerca da manifestação cultural Boi de Reis está categorizada no gênero¹⁷ Folkcomunicação cinética, que abarca múltiplos canais/ códigos gestual/plástico e como formato¹⁸ Folguedo.

Temos que a compreensão do processo comunicativo do Boi de Calemba Pintadinho requer a identificação sobre as mensagens e os elementos simbólicos característicos utilizados em sua apresentação. A partir de então, Trigueiro (2008) define que:

No processo da folkcomunicação, a mensagem é estruturada artesanalmente, veiculada horizontalmente e dirigida a uma determinada audiência, constituída, na sua maioria, por membros de um mesmo grupo de referência de interconhecidos. Ou seja, a mensagem do sistema de folkcomunicação é dirigida a um determinado mundo, enquanto a mensagem dos meios de comunicação de massa é planetária; está ao alcance de uma grande audiência. (TRIGUEIRO, 2008, p. 35).

Reconhecemos, dessa forma, que a condição comunicante estabelecida no processo de apresentação da manifestação cultural revela, em sua narrativa, a mensagem folkcomunicacional. De tal maneira, ainda relacionado ao processo de estruturação da mensagem, identificamos no Boi Calemba Pintadinho que, a partir da recepção e retransmissão, o grupo cultural atua como um catalisador que ressignifica as intenções, levando ao público a sua própria versão. Isso se exprime através da sua formação, esta que pode ser visualizada, a princípio, pela representação simbólica reconhecida através dos seus elementos, tais como os vestuários dos brincantes.

Ao detalhar os trajes, entendemos que suas configurações fazem menção às características inerentes à manifestação e, ainda, à composição e afirmação do patrimônio

¹⁷ Marques de Melo (2008) define gênero: forma de expressão determinada pela combinação de canal e código.

¹⁸ Marques de Melo (2008) define formato como estratégia de difusão simbólica determinada pela combinação de intenções (emissor) e de motivações (receptor).

local. Da mesma maneira ocorre com as cantigas que são apresentadas, por ilustrarem a identidade e formação gonçalense, bem como até o gestual de ordenação durante a brincadeira, os rituais que se constituem de pessoas cantando e dançando a morte e ressurreição do boi identificam o processo de comunicação própria.

Ainda evidenciando a narrativa, visualizamos a delimitação do processo de apresentação, desde os ensaios às escolhas dos pormenores de atuação nas localidades, como uma forma também de reafirmar e repassar a tradição a fim de proporcionar a produção e disseminação do conhecimento relacionado ao meio popular, como ressalta Maia (1999), que as festas fornecem nova função às formas espaciais [...] ruas, praças, terrenos baldios são convertidos em palcos para que se ocorra o evento.

[...] a Folkcomunicação é um campo fértil para a propagação de mensagens em prol do desenvolvimento. De forma bem humorada e criativa, seus agentes proporcionam o acesso à informação aos milhões de cidadãos iletrados de nosso país, que ainda não tem acesso à leitura e à informação clara e imediata. (SOUZA, 2005, p. 02).

Diante dessa realidade, identificamos que o mesmo proporciona uma troca entre o líder e o público, e, essa interação pode ser reconhecida através do mestre que é caracterizado, no processo, como principal fonte. A sua figura remonta às questões de manutenção da cultura, sendo o membro que ao mesmo tempo que converte, também transmite a mensagem. Beltrão (1980, p. 36) retrata que “a ascensão à liderança está intimamente ligada à credibilidade que o agente-comunicador adquire no seu ambiente [...]”, portanto, verificamos que esse aspecto foi evidenciado pelo regente do Boi Calemba Pintadinho, mestre Dedé, durante sua trajetória no grupo cultural. Temos que os líderes de opinião são:

Os indivíduos que recebem em primeira mão as informações dos meios para transmiti-las depois a pessoas desvinculadas disso, mas incluindo a sua própria interpretação da informação recebida. São pessoas que não se desviam de seus grupos; andam pelo mesmo caminho que os outros, mas adiante. (TOUSSAINT, 1992, p.32 apud CORNIANI e BONITO, 2006, p. 222).

Interpretamos ainda que o grupo cultural tradicional Boi Calemba Pintadinho também se utiliza das tecnologias da comunicação de massa a seu favor, de maneira a adequar suas

mensagens e fazerem uso desses canais para visibilizar as suas necessidades e transmitir suas intenções (LIMA et. al, 2012), ultrapassando a sua condição inerte de espectador e passando a produzir através de sua representação a própria comunicação.

Como visualizado em outros contextos, os aspectos de atuação da mídia, in loco, não afirmam categoricamente a realidade vigente. Muito se é deturpado na veiculação das notícias ao retratar apenas estereótipos. A postura dos veículos de comunicação reproduz informações que limitam o município à violência e questões de desestruturação social. Esse aspecto foi levantado nos estudos folkcomunicacionais como uma máxima da visão midiática nas comunidades marginalizadas. Beltrão (1980, p. 58) infere que “as camadas populares urbanas marginalizadas têm limitado acesso aos grandes meios de comunicação de massa [...]” o que contribui para que a visão unilateral ocorra. De tal forma, como maneira alternativa a esse domínio, o grupo cultural atua, como afirma o autor:

[...] sob formas tradicionais, revestindo conteúdos atuais, sob ritos, às vezes universais, mas consagrados pela repetição oportuna e especialmente situada, essa massa popular urbana melhor revela suas opiniões e reivindicações, exercitando a crítica e advertindo os grupos do sistema social dominante de seus propósitos e de sua força. (BELTRÃO, 1980, p. 60, grifos do autor).

Esses aspectos apresentados são identificados através do acompanhamento e imersão na manifestação Boi Calemba Pintadinho de São Gonçalo do Amarante/RN, e, como efeito principal, temos a afirmação da representação como prática do processo folkcomunicacional.

Considerações finais

Ao avaliar a manifestação cultural nos estudos apresentados, identificamos quesitos significativos em sua trajetória e, a exemplo desses aspectos, foi visualizado que o grupo tem se adaptado às novas realidades encontradas, como reduzir o tempo de duração da apresentação para viabilizar a participação em eventos que detém período delimitado, não deixando de cumprir o seu papel de divulgação da mesma.

Reconhecemos ainda que o grupo popular atua primordialmente na comunidade e, em prol dela, ao repassar as tradições locais não somente como forma de entretenimento para a população, mas também, ao oferecer que jovens possam integrar o folguedo e contribuir para o reforço da tradição gonçalense, assim como participarem do processo de interação social. Nesses termos, destacamos ainda que a realização do resgate cultural para a prevalência do patrimônio do município é o aspecto que entendemos como relevante a se ressaltar, bem como a manutenção e mesmo adaptação da manifestação.

Em se tratando dos brincantes do Boi, estes também atuam na transformação da cultura tradicional para o meio moderno, dessa maneira, visibilizando novos formatos de apropriação para a disseminação desse patrimônio, lançando um olhar diferenciado e construído a partir das novas práticas culturais.

O grupo Boi Calemba Pintadinho detém características marcantes, uma história de tradição no município que se expandiu através de suas apresentações dentro e fora do estado. A manifestação é identificada como a mais viva e tradicional de Boi Calemba do município de São Gonçalo do Amarante, e, como prova disso, visualizamos a perpetuação desta, que já ultrapassou mais de um século de existência.

Concluímos, então, que o Boi Calemba Pintadinho é uma forma de comunicação que expressa as características de um grupo marginalizado e, para tal, é o próprio canal que reúne o conjunto de expressões a serem veiculadas.

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: A comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Folclore do Brasil (pesquisas e notas)**. Rio de Janeiro/São Paulo: Fundo de Cultura, 1967.

_____. **Dicionário do folclore brasileiro**. 11. ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 2001. 768 p.

CORNIANI, Fabio; BONITO, Marco Antônio. Folkcomunicação e Orkut: os culturalmente marginalizados. In: SCHMIDT, Cristina (Org). **Folkcomunicação na arena global**: avanços teóricos e metodológicos. São Paulo: Ductor, 2006, p. 221-230.

GURGEL, Deífilo. **Manual do Boi Calemba**. Natal: Nossa Editora, 1985.

_____. **São Gonçalo do Amarante**: o país do folclore: 300 anos de história. 2. ed. Natal: Prefeitura de São Gonçalo do Amarante, 2011.

LIMA, Elaine; SILVA, Susana; VASCONCELOS, Cláudio. **Imperador da Ilha**: a prática folkcomunicação no Bumba meu boi do Piauí. 2012. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-0268-1.pdf> > Acesso em: 05 maio 2016.

MAIA, Carlos. Ensaio Interpretativo da dimensão espacial das festas populares: proposições sobre festas brasileiras. In: ROSENDAHL, Zeny; CORREA, R. L. (Org.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. p. 191–218.

MARQUES DE MELO, José. **Mídia e cultura popular**: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

SOUZA, Maria Isabel Amphilo Rodrigues de. **Folkcomunicação, a mídia dos marginalizados**. In: Seminário WACC/Unesco/Metodista de Mídia Cidadã, 2005, São Bernardo do Campo. Portal da Mídia Cidadã, Brasil, Século XXI - online. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco/Metodista de Comunicação, 2005. Disponível em: < http://www2.metodista.br/unesco/agora/mapa_animadores_ativistas_maria.pdf > Acesso: 02 abr. 2016.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação e ativismo midiático**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

Artigo recebido em: 08/08/2016

Aceito em: 05/12/2016